

***O Recreador Mineiro e a chegada da fotografia a Minas Gerais*¹**

Helena de Lyra Azoubel²

Nísio Teixeira³

Marina Carrano Lelis⁴

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

Este trabalho se debruça sobre o primeiro registro da existência de uma tecnologia fotográfica em Minas Gerais: o anúncio da chegada do primeiro daguerreótipo à cidade de Ouro Preto, publicado na nona edição do periódico *O Recreador Mineiro*, em 1º de maio de 1845. Após breves considerações sobre o início da fotografia no estado e um panorama histórico da publicação, editada quinzenalmente na Typographia Imparcial - dirigida pelo português Bernardo Xavier Pinto de Souza - o foco recai sobre a edição em epígrafe, destacando como a notícia da chegada do daguerreótipo a Ouro Preto, trazido pelo francês Hypolito Lavenue, foi praticamente um parêntesis de curiosidade científica entrementes à grande originalidade editorial do *Recreador Mineiro*: ter sido o primeiro jornal local a publicar folhetins, rompendo com a tradição da imprensa da província, que até então apenas republicava textos estrangeiros e/ou se detinha no debate político do emergente Império do Brasil.

Palavra-chave: Imprensa mineira; Daguerreótipo; Fotografia; *O Recreador Mineiro*.

Introdução

A história da fotografia remonta séculos antes da criação do primeiro dispositivo que conseguiu fixar uma imagem sobre uma superfície. Por centenas de anos foram registrados tentativas e experimentos de criar e reproduzir formas que vemos no mundo. A câmera escura, cujos princípios foram descritos por Leonardo da Vinci no século XIV, anunciava uma técnica de recriação de uma imagem por meio de um dispositivo ótico: um minúsculo orifício pelo qual a luz entra e reflete a imagem vista do outro lado.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 9º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e voluntária de Iniciação Científica no projeto franco-brasileiro Arquivos-Mídias-Imagens-Sociedade (AMIS), sob orientação do professor Dr. Nísio Teixeira. E-mail: hlazoubel@gmail.com

³ Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. (PPGCOM/UFMG). Integrante do grupo de pesquisa Escutas. E-mail: nisiotei@ufmg.br

⁴ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), com bolsa de apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), à qual agradece. Email: marina.carrano.lelis@gmail.com

Da câmara escura veio a lanterna mágica, no século XVII, que permite a projeção de imagens impressas sobre placas de vidro. Demorou mais de um século depois, onde surgiram tecnologias como o fantascópio e outros experimentos de fixação de imagem sobre uma superfície para que, finalmente, em 1839, fosse anunciada a invenção do daguerreótipo: primeiro aparelho que, reconhecidamente pelo estado Francês, permitiu a fixação de uma imagem sobre uma placa de prata; uma criação registrada por Louis Daguerre (Benjamin, 1931). Antes disso, o físico francês Nicéphore Niépce, contemporâneo de Daguerre, já havia logrado fixar uma imagem sobre placa de prata coberta de Betume da Judéia, criando a representação da vista de uma janela em Saint-Loup-de-Varennes, na França, fato que o fez ser considerado posteriormente o inventor da fotografia (figura 1). A técnica usada foi denominada heliografia e implica a exposição da placa com betume a horas de contato com a luz, para fixar a imagem diante dela. No entanto, foi Daguerre quem ganhou, em vida, o reconhecimento e a patente pelo aparelho elaborado em parceria com Niépce e seu filho Isidore Niépce (Andrade, 2025) utilizado na fixação de imagens sobre placas de cobre revestidas de prata polida e expostas à luz em uma câmara escura.

Fig. 1 - Primeira fotografia feita por Niépce, “Vista da janela em Le Gras”



Fonte: Joseph Nicéphore Niépce (1826).

Seis meses depois de reconhecida a sua invenção pelo governo francês, o daguerreótipo chegou ao Brasil, e mais especificamente ao Recife. Depois passou por Salvador e então pelo Rio de Janeiro, onde registrou sobretudo cenas urbanas e

construções, em planos abertos (Wanderley, 2019). Em Minas Gerais, a chegada da daguerreotipia foi anunciada no periódico *O Recreador Mineiro*, no ano de 1845 em sua nona edição, o que será detalhada adiante.

A daguerreotipia em Minas Gerais

A presença da fotografia em Minas Gerais no século XIX tem sido investigada pelo pesquisador Rogério Pereira de Arruda, professor e pesquisador da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). O autor no livro “O ofício da fotografia em Minas Gerais no século XIX” (2013) divide o século XIX em três momentos: de 1845 a 1866, quando são identificados cinco retratistas itinerantes entre Ouro Preto, Pouso Alegre e Campanha. De 1867 a 1884, ano em que foi anunciada em Minas a fixação de imagem sobre papel, foram identificados por Arruda (2013) 45 fotógrafos na região, com uma aceleração no crescimento no ano de 1870. No terceiro momento, entre 1885 e 1900, se identificou um aumento significativo no número de fotógrafos, chegando a 80. Essa atividade era marcada pela itinerância, com deslocamentos de fotógrafos, que viajavam retratando famílias, pessoas e paisagens pelos caminhos, enquanto apenas alguns instalavam-se em oficinas e ateliês.

Desde seu princípio, a daguerreotipia foi uma ferramenta importante em processos de colonização e imperialismo, de construção de memória, de informação e de identificação. No Brasil, ela chegou em um momento em que vivia-se o império de D. Pedro II, um grande admirador de ferramentas fotográficas e que se valeu dela em diversos momentos do seu exercício de poder, e até mesmo de lazer, nas suas viagens pelo mundo. O imperador teve contato com a tecnologia fotográfica aos 14 e logo em seguida providenciou a aquisição de um daguerreótipo, tornando-se o primeiro cidadão brasileiro a tirar uma fotografia (Andrade, 2025).

Em todo o mundo, a imagem fotográfica circulou em diferentes formatos e suportes, sendo uma importante ferramenta em processos políticos e de opinião pública. Com a impressão em papel, que em Minas ocorreu apenas em 1885 (Arruda, 2013), as imagens puderam ganhar novos formatos e circulações, como a função de cartões postais e outros objetos mais fáceis de carregar do que placas metálicas ou de vidro. E ao ganhar as páginas da imprensa, a fotografia pôde então expandir o papel que exercia

nos âmbitos doméstico, político e acadêmico, e ganhar novos públicos. Nesse processo, sua função social de solenização de momentos e rememoração de entes queridos se expande e pode servir a novos interesses da esfera pública.

Para Bourdieu (1965), a fotografia possui uma função de coesão e integração familiar, já que se insere em diversos rituais de solenização no ambiente doméstico. Isso pode ser interessante para pensar a produção fotográfica na sociedade mineira do século XIX já que, para o autor, a fotografia subordina a imagem a funções sociais. O objeto fotográfico, para ele, por dar suporte à atividade do inconsciente, oferece um simbolismo intermediário para a regulação e disciplina da vida subjetiva. Apesar dele ter escrito o livro “*Un art moyen*” (1965), ainda não traduzido para o português, nos anos 60 do século XIX, sobre os usos sociais da fotografia na França, suas ideias são interessantes para pensar como seriam os usos desse tipo de imagem em uma sociedade que vivera uma expansão demográfica significativa com a extração mineral como foi o caso de Minas e que teve grande influência do pensamento europeu na sua formação. Importante centro de produção de conhecimento no Império, a sociedade mineira teve lugar incontornável nas expressões das ideias imperialistas de D. Pedro, que investiu na fundação de instituições de formação e que era fundamentada pelo regime escravocrata e religioso. É necessário ter em mente esses contextos na compreensão da chegada da fotografia ao local, sobretudo na leitura do momento em que a daguerreotipia foi anunciada na então província, cuja capital era Ouro Preto.

Em meados do século XIX, a daguerreotipia mineira era dominada por estrangeiros, sendo, no caso de Ouro Preto, o francês Hippolyte Lavenue quem levou a invenção europeia ao local, inaugurando a história da fotografia no território – não sem contradições. Apesar da chegada em 1845, que neste ano de 2025 completa 180 anos, foi somente no final do século, a partir da década de 1880, que a fotografia se expandiu em Minas. A técnica, no entanto, estava longe de ser uma prática popular, sendo exercida em grande parte por viajantes estrangeiros ou pessoas que tinham tido acesso a essas ferramentas na Europa, como foi o caso de muitos estudiosos e políticos. O exercício da fotografia estava restrito a uma camada abastada e predominantemente masculina da sociedade mineira e requeria conhecimentos sobre os procedimentos químicos de fixação de imagem.

Como aponta novamente Arruda (2013), demorou décadas desde o anúncio da chegada do daguerreótipo à província de Minas Gerais nas páginas do *Recreador Mineiro* para que houvesse então uma imprensa ilustrada com fotografias. O ano de 1885 é apontado pelo autor como início da impressão de fotografia em papel, e foi só em 1890 que as fotografias ganharam as páginas de jornais (Landim, 2013). Em Minas, a presença de imagens para além de reprodução fotomecânica na imprensa, a partir de fototipia, data de 1890, tendo sido inaugurada pelo jornal O Pharol, de Juiz de Fora (Landim, 2013). Até 1889, a circulação do objeto fotográfico ainda estava restrita sobretudo ao ambiente doméstico ou acadêmico, servindo como formas de registro de uma família ou lembrança de falecidos ou para estudos.

O Recreador Mineiro

Segundo Drummond (2008), a imprensa oitocentista mineira, a partir da sua publicação pioneira, o *Compilador Mineiro* (1823) e até a década de 1840, tinha viés político importante, marcada por questões relativas ao recente império e a traduções de textos publicados em jornais estrangeiros. A partir da década de 1840, com a publicação do *Recreador Mineiro* (1845), até a década de 1870, surge a imprensa de caráter cultural e literário, dedicada a assuntos da província e a variedades, cujo impulso foi o advento do telégrafo, que acelerou a circulação de informações, aumentando a velocidade de produção dos textos jornalísticos. Já da década de 1880 até o fim do século XIX, predominaram assuntos referentes às próprias cidades, com notícias, temas e anúncios locais.

Assim, pioneiro na cultura letrada mineira, *O Recreador Mineiro* inaugurou a imprensa literária em Minas Gerais, sendo o primeiro jornal local a publicar folhetins e temas culturais de forma sistematizada. Como apontado por Drummond (2008), até sua criação, os jornais mineiros, que começaram a ser publicados no ano de 1823 com o *Compilador Mineiro*, em Ouro Preto, se dedicavam sobretudo ao debate político e a discussões sobre o futuro do recente Império, além de publicarem artigos e notícias traduzidos de jornais estrangeiros, charada e um ou outro texto literário na quarta página.

A partir de uma análise panorâmica das edições disponíveis do periódico *O Recreador Mineiro* na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, pode-se depreender

que foi editado na *Typographia Imparcial*, dirigida pelo português Bernardo Xavier Pinto de Souza — que era impressor, redator e livreiro —, e localizada na Rua do Giló (atual Rua Paraná), em Ouro Preto. Publicado nos dias 1º e 15 de cada mês, de janeiro de 1845 até junho de 1848, o jornal era composto por 16 páginas, tamanho 14 x 20, e foi reunido em tomos, compilando os números publicados por semestre.

Essas compilações semestrais eram divididas em três seções: Memória, Razão e Imaginação; com temas históricos, filosóficos e literários, respectivamente. Ao todo, foram publicados 7 tomos, sendo o último correspondente ao primeiro semestre de 1848, em que foram reunidas as edições 73 a 84 do jornal, que sobrevivia de assinaturas, vendas avulsas e anúncios.

Em sua nona edição, de 1º de maio de 1845, destacada pela análise neste trabalho, observou-se que o periódico literário veiculou 10 textos, dos quais apenas um tem autoria reconhecida, divididos por seções marcadas por elementos gráficos. A edição começa com um texto histórico sobre a emancipação de ex-colônias nas Américas, seguido de textos literários que incluem o folhetim “Os reveses da fortuna”, as crônicas e contos “O bêbado chapado” e “Coragem de huma mulher”, a seção “Dotes de poesia”, a anedota “Resposta de huma menina quem sua mãi queria metter freira”, um poema de Virgílio — em homenagem ao nascimento do filho primogênito de D. Pedro II com Tereza Cristina, Afonso Pedro, em fevereiro de 1845 — a anedota “Razão porque não se permite aos jurados nem comer ou beber”, e, por fim, uma charada.

Assim é que se destaca, quase “espremida” pelas características editoriais mais notórias da publicação e entre os dois textos acima citados — “Os reveses da fortuna” e “O bebado chapado” — a notícia da chegada do daguerreótipo a Ouro Preto, trazido pelo francês Hypolito Lavenue.

Não ha muitos días que chegou a esta Cidade Mr Hypolito Lavenue, natural de França, vindo de Pouzo-Alegre, onde rezide, trazendo comsigo o celebre machinismo de tirar retractos, a pasmosa invenção do excellente pintor francez Daguerre, o Daguerreotypo em fim(...). O Recreador Mineiro nao podia deixar em silencio a apparição do Daguerreotypo n'esta cidade á vista de seu programma, que não só comprehende o que interessa a razão como o que surprehende a imaginação. E na verdade, é dúplice o effeito que produz o novo methodo de retractar; medita-se no tempo que seria preciso a seu inventor para chegar a este resultado; nas indagações que faria sobre os varios effeitos da luz, e ao mesmo lempo fica-se agradavelmenle surpreso, quando se vê que em dous minutos faz-se aquillo que pelo método antigo, só se poderia obter além da ordinária imperfeição,

depois de bastantes horas. Sentem alguns que os retractos pelo Daguerreotypo não possuem ainda sahir coloridos; entretanto cumpre dizer que esta falta é grandemente compensada pela imparcialidade e exactidão do novo methodo. O mesmo Daguerre, que tem do governo francez huma pensão de 4 contos de reis annuaes, em premio de sua invensão e ainda outros artista forcejao por obter o resultado das côres, e consta-nos que nao tem sido mal succedidos em seus primeiros ensaios. (*O Recreador Mineiro*, 1845, p.139)⁵

A notícia anuncia a chegada do francês Lavenue a Ouro Preto, vindo de Pouso Alegre, também em Minas, trazendo consigo um daguerreótipo (ou, *Daguerreotypo*). O anúncio de chegadas e partidas das cidades era corrente em periódicos mineiros, sendo o jornal um meio de marcar a presença de pessoas - muitas vezes ilustres e cidadãos da elite - nos lugares. O texto conta mais sobre a invenção, dando os créditos a Daguerre, e contando sobre os incentivos financeiros do governo francês ao inventor. Lamenta-se o fato de não haver a possibilidade de registrar cores nas imagens, mas anuncia que a França está investindo em uma tecnologia capaz de fazê-lo.

Há, na notícia, uma espécie de celebração da invenção, vendo-a como positiva e resultado dos avanços da física que permitiram a sua criação. Há um elogio aos métodos de observação e da suposição que envolvem a ciência, que eram seguidos na antiguidade. Ainda, realiza-se um comentário positivo em relação à “imparcialidade e exatidão” do novo método, que compensam a falta de cor das imagens. Ao final, há um convite ao público para irem conhecer a tal invenção, assim como o senhor Lavenue, descrito como uma personalidade de trato fácil e agradável.

Considerações finais

Destaca-se, no *Recreador Mineiro*, o fato de ter sido pioneiro na imprensa literária em Minas Gerais sendo o primeiro jornal local a ter uma abordagem sistemática de temas culturais e literários. Seu redator e diretor, Bernardo Xavier Pinto de Souza, natural de Coimbra e morador de Ouro Preto, não assina os textos, mas assina o verso da última página do jornal, o que pode dar a entender que todos os demais textos eram dele. É evidente que há, na publicação, dado o seu contexto histórico, autoria e discursos, uma intenção política, nacionalista e direcionada para o engrandecimento da Província. Há, no jornal, um objetivo de elevação espiritual do público através da

⁵ A autoria desse trabalho optou por reproduzir nas citações a grafia do texto tal como utilizada na época.

instrução pela leitura (Drummond, 2008), que se observa na escolha dos contos e na mensagem moral que eles passam, a exemplo do folhetim “Os reveses da fortuna”, que ocupa 8 das 16 páginas da edição analisada e tem um discurso moralizante sobre as perdas financeiras e as virtudes do homem.

Associada aos aspectos acima, a presença da notícia sobre a chegada do daguerreótipo no jornal, ainda que entremeada por outros textos de força literária, pode ser vista como mais um aspecto que o caracteriza como um veículo “moderno”, uma forma de expressão da vida urbana naquele local e como um lugar onde se estampa o debate político e formador de opinião de uma sociedade. Vale lembrar, nesse sentido, que a sociedade em que esse periódico circulou era extremamente estratificada, com uma população leitora reduzida e diretamente influenciada por valores europeus. É incontornável a lembrança de que o local de publicação foi fortemente marcado pela mão de obra escravizada, que ainda estava em vigor no quando da sua edição. No número analisado neste trabalho, não foi encontrada nenhuma menção ao fato, nem ao contexto da escravidão, que, aliás, terá também pouquíssimas ocorrências nas outras edições disponíveis, mas que se evidencia como uma das maiores mazelas daquele momento histórico, com resultados que reverberam até os dias atuais.

Referências bibliográficas

ARRUDA, R. P. de (Org). *O ofício da fotografia em Minas Gerais no século XIX, 1845-1900*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2013.

BENJAMIN, W. 1994. Pequena história da fotografia. (Trad. Sergio P. Rouanet) In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. [1931]

ANDRADE, J. M. F. de. *O papel do papel: um breve ensaio acerca da relevância da fotografia em papel albuminado no século XIX*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/colecao-d-thereza-christina-maria-albuns-fotograficos/a-fotografia-no-seculo-xix/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BOURDIEU P.: *Un art moyen, Essai sur les usages sociaux de la photographie*, Ed. de Minuit, Paris, 1965, 361 p.

DRUMMOND, M. F. S. I. Primeiras luzes nas letras. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Dossiê. Belo Horizonte: Arquivo público Mineiro. v. 44. n. 1, 2008. p. 70.

LANDIM, P. H. O desenvolvimento da imprensa mineira no século XIX e o protagonismo dos jornais juiz-foranos. *Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, realizado em 03 a 05 de setembro de 2013, em Bauru, São Paulo. Disponível: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1310-1.pdf>>. Acesso em 10 de set. 2023.

O RECREADOR MINEIRO. O Daguerreotypo. **O Recreador Mineiro**. Ouro Preto, 1o. de maio de 1845.

WANDERLEY, A. C.T. **Os 180 anos do invento do daguerreótipo – Pequeno histórico e sua chegada no Brasil**, 2019. Disponível em <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=16443>>. Acesso em: 24 de maio de 2024.